

# 50 minutos

Informativo da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro

ANO 5 - NÚMERO 11 - SETEMBRO DE 2012



## Filiada a:

FEBRAPSI - Federação Brasileira de Psicanálise  
FEPAL - Federação Psicanalítica da América Latina  
IPA - Associação Psicanalítica Internacional  
ABP - Associação Brasileira de Psiquiatria

## Agenda

### SETEMBRO

Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro  
18º Encontro Latino-americano de Psicanálise de Crianças e Adolescentes

Novas Perspectivas em Psicanálise de Crianças e Adolescentes



13 a 15/09 – Evento sobre Psicanálise de Crianças e Adolescentes (SBPRJ-FEPAL)

27/09 – Mesa sobre “O Corpo”. Apresentadoras: Aida Ungier e Liana Albermaz. Comentarista: Miguel Calmon

28/09 – Psicanálise & Cinema. Debate a partir do filme “Matadouro 5”, com o físico Luiz Alberto Oliveira

### OUTUBRO

25/10 – Jornada sobre “Depressão e Ansiedade”

26/10 – Psicanálise & Cinema. Debate a partir do filme “Um conto chinês”

### NOVEMBRO

22/11 – Lançamento do livro de José Renato Avzaradel, Sobre a Linguagem e o Pensar – Ed. Casa do Psicólogo

#### APOIO



Rua: Simão Álvares, 1020 - Vila Madalena - São Paulo Cep 05417-020  
Telefone/Fax: (11) 3034-3600  
vendas@casadopsicologo.com.br  
www.casadopsicologo.com.br

# Ciúme: o céu e o inferno dos humanos

“Meu senhor, livrai-me do ciúme! É um monstro de olhos verdes...”

W. Shakespeare



A normalidade é uma ficção ideal, já dizia Freud em 1937, cita a psicanalista Marly Dias. O ciúme marca a existência humana. As obras de arte estão aí para comprovar esse fato. Fica só a questão de avaliar a sua intensidade.

O psicanalista Fernando Rocha lembra-nos que a música *Gota d'Água*, de Chico Buarque, por exemplo, fala de um sentimento mortal de ciúme baseado no mito de Medeia. Tanto na versão grega quanto na brasileira, a angústia de mulheres enciumadas deixa-as à beira do desatino, possuídas pelo extremo do ciúme em sua forma trágica, complementa Fernando. É atemporal. Os filicídios, pelo pai ou pela mãe, estão nas manchetes dos jornais em qualquer país do mundo. Mas o ciúme apresenta outras caras.

Óperas como *Carmem* de Bizet ou *Tosca* de Puccini, o filme *Rebecca* de Alfred Hitchcock, a peça *Otelo* de Shakespeare, assim como o romance *Dom Casmurro* de Machado de Assis refletem um sentimento tão contraditório e inerente ao ser humano que apresenta várias formas de expressão na arte, como atesta Marly.

Para Fernando o ciúme sempre causa sofrimento, podendo se expressar do “extremo mais horrendo...na tragédia de Medeia”, ao “perfume de amor”, na canção de Vinícius de Moraes, interpretada por Elizeth Cardo-

so. Marly ressalta que a poesia de Vinícius fala do amor em contraposição ao ciúme que mata, deixando claro que é “um sentimento atento, zeloso, devotado, incompatível com a destruição do outro”.

Ciúme deriva de *Zelumen* do latim, evoluindo para zelo em português e de acordo com Valdemiro Rodrigues, o ciúme se inspira na palavra cio (dos animais) significando zelo de amor, comenta Fernando.

O psicanalista cita ainda *D. Juan*, de Molière: “O amor começa pelo ciúme”. Ou seja, do ciúme ninguém escapa. “Você conhece alguém despido das múltiplas emoções e sentimentos que configuram a nossa condição de humanos? Conheço casais felizes há muitos anos em que o ciúme nunca foi um sentimento relevante entre a dupla. Porém, como nunca sentir ciúme?”, pergunta Marly.

Além do amor, o ciúme está sempre ligado ao “estágio de dependência, de insegurança infantil do humano, onde explode... com a necessidade que se tem do objeto amado”, afirma Fernando, citando a canção de Lupicínio Rodrigues: “Você sabe o que é ter um amor, meu senhor?”. Mas cada ser humano ama como pode. “Os bem aventurados amam voltados para o ser amado. Os demais, como conseguem. Uns com muito controle, outros com suas paranoias e suas obsessões.

CONTINUA NA PÁGINA 3

## EDITORIAL

\*BERNARD MIODOWNIK

## A Psicanálise no cotidiano

Um dos objetivos do 50 minutos é mostrar como a psicanálise está presente no nosso cotidiano. As motivações inconscientes direcionam a maior parte do que pensamos e fazemos, determinando as emoções e a maneira como cada um se relaciona consigo próprio e com os outros.

O leitor atento ao que se escreve na atualidade sabe que existem outras teorias para explicar as motivações dos atos do dia-a-dia. A Psicanálise marca uma diferença essencial ao buscar essas origens na história infantil dos sujeitos e na sua relação com o ambiente primitivo.



**“Neste 50 minutos falamos sobre ciúmes, um tema apropriado para mostrar como a psicanálise compreende as emoções”**

\*Bernard Miodownik é presidente da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro

Neste 50 minutos falamos sobre ciúmes, um tema apropriado para mostrar como a psicanálise compreende as emoções. O ciúme está presente, em maior ou menor grau, nas relações profissionais, familiares e afetivas. Essa quase onipresença pode adquirir tonalidades dramáticas como vocês poderão verificar na entrevista de uma juíza

da Vara de Família na última página. Os psicanalistas que trazem aqui o seu pensamento mostram como o ciúme surge nas primeiras relações com o ambiente e, principalmente, sob quais condições psíquicas se torna uma emoção extremamente perturbadora.

Nós da SBPRJ ficaremos satisfeitos se os leitores puderem apreciar a relevância do pensamento psicanalítico, tal como é abordado aqui no 50 minutos. Boa leitura.

## EXPEDIENTE

50 minutos

Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro – SBPRJ – Rua Davi Campista, 80 – Humaitá – Rio de Janeiro – Telefone (21) 2537-1333 – Fax (21) 2286-5292 – E-mail: sbprj@sbprj.org.br – Site: www.sbprj.org.br – Presidente: Bernard Miodownik – Direção de Publicação: Monica Aguiar e Ana Maria Sabrosa Colaboradores: Lúcia Palazzo e Sandra Gonzaga e Silva – Editor e Jornalista Responsável: José Luiz Sombra Projeto Gráfico e Design: Berrix Tiragem: 5.000 exemplares.

DUAS VISÕES

## Ciúme: Amor ou ódio?

## ► \*Leticia Neves

*O ciúme é uma reação afetiva dolorosa diante de uma ameaça de perda real ou imaginária de algo ou alguém valorizado. Sua descrição é multifacetada. Existem tantas formas de expressão quantas são as formas de relacionamentos e de subjetivação.*

*Há um estreito laço entre amor e ciúme. Diz o dito popular: o ciúme “apimenta”, “aquece”, “perfuma” a relação. É aceito como expressão de cuidado, prova de amor, de preservação do outro amado. Seu grau de patologia pode ser determinado pelo nível de excesso, de agressividade do ser ciumento.*

*Acrescido a isto, a cultura contemporânea torna cada vez mais aparente outro aspecto do ciúme. O contexto onde está inserido. Na relação afetiva, este aspecto está relacionado ao inter-jogo entre os ideais de amor romântico (de exclusividade, de ser amado incondicionalmente, de felicidade através do amor) e os ideais individualistas contemporâneos (autorrealização, liberdade, consumismo, emancipação feminina).*

*Observa-se que quanto mais frágil for a organização pessoal do indivíduo e mais instável seu sentimento de si mesmo mais ele investirá seus ideais no parceiro/a. Na sua forma extremada, a relação amorosa*

*sa poderá ser vivida como suporte indispensável à estabilidade e manutenção de si mesmo, deste modo, a ameaça de perda corresponderá à perda da integridade do eu.*

*Assim, cheio de contradições, o ciúme revela o latente jogo de forças entre o desejo de ser cuidado, amado incondicionalmente e o desejo de liberdade, de autorrealização. A tensão gerada por essas questões pode fragilizar o indivíduo e marcar indelevelmente suas relações favorecendo deslocamentos, tais como: ver no outro suas próprias demandas, transformar em rivais o que imagina que satisfaça ao outro ou desinvestir de si mesmo e/ou da parceria.*

*O que pôde ser vivido como prova de amor e tempero da relação afetiva atualmente pode ser considerado como ameaça ao projeto de liberdade pessoal, invasão de privacidade, assim como fragilização do vínculo amoroso.*

*O ponto de limite do ciúme é o sofrimento. Ele necessita que os envolvidos busquem possibilidades de autoconhecimento, discriminação dos valores culturais em que estão imersos e construção de formas originais de lidar com essas questões. Cabe a nós mesmos construirmos nossos próprios modelos.*

—○ \*Psicanalista, SBPRJ

## ► \*Sérgio Belmont

*Para discutir tema tão complexo quanto o ciúme, um afeto de relações triangulares talvez ajude se falarmos em ciúme “do bem e do mal” e colocarmos suas raízes no espaço pré-genital. Para o sujeito adquirir capacidade de amor e doação é imperativo que tenha, quando bebê, sido banhado nos mesmos sentimentos. Até que surja a capacidade de reconhecimento do Outro, a relação do bebê com aqueles que o cuidam é simbiótica e, se falamos de amor [do bebê], segundo Winnicott, ele será ruthless (impiedoso).*

*Este modo de amor que se confunde com necessidades primitivas e vitais está ligado à sobrevivência física e, caso o ambiente cuidador falhe, imporá ao bebê sentimentos de morte, deixando como resultado um self esburacado, que chamei de “buracos negros psicológicos”. O sujeito que não teve contato com o ethos humano de amar e ser cuidado fica preso desse modo de existir. Caso esse sujeito, resultante da privação, encontre alguém que o ame, a visão a ele possível será aquela primitiva, não de um Outro a ser amado e cuidado, mas de*

*‘algo’ que lhe fornece boas coisas, pouco reconhecidas, e que lhe desperta um sentimento indefinido de posse.*

*As falhas do objeto, naturais nas relações, são sentidas como ameaça à vida. O ciúme é aquele “do mal” e as reações de ódio e de fúria resultantes podem levar à destruição da pessoa com quem o sujeito se relaciona. Casos recentes causaram o esquartejamento de um marido e morte da esposa e do filho de outro. Quadros menos graves geram tortura diária e impedimento da liberdade da pessoa amada.*

*E o ciúme que chamamos “do bem”? Ele está ligado a um sujeito que tenha recebido amor e doação e alcançado o ponto no qual os Outros e o mundo são percebidos. As relações edípicas e fraternas iniciais foram superadas, e o sujeito também pôde reconhecer quem o amou e cuidou como merecedor de gratidão e cuidados. Se ocorrer ciúme, ele é modulado pela percepção de ser amado e pela confiança na pessoa querida e cuidada. Em uma compreensão intersubjetiva, o amor pelo bebê nos momentos mais primitivos de seu desenvolvimento é condição essencial para a aquisição da capacidade de amar.*

—○ \*Psicanalista, SBPRJ

## CAFÉ LITERÁRIO

## A ficção: uma porta para o desejo

Infinitas são as emoções que se apossam de nós numa leitura

SANDRA GONZAGA,  
coordenadora do Café Literário



A Psicanálise sempre se serviu da generosa fonte das diversas formas de criação artística

para compreender o ser humano e suas motivações inconscientes. Entre todas as formas de Literatura é, sem dúvida, a mais destacada. Sófocles, Shakespeare, Goethe, Dostoiévski e outros foram importantes companheiros de Freud no original caminho do conhecimento das nossas emoções mais primitivas.

Em seu trabalho de 1908 “Escritores criativos e devaneios”, Freud descreve de forma magistral o que representa o processo criativo e qual a sua função na elaboração das histórias que despertam o nosso interesse como leitores. Na leitura, o que é ficção tem um caráter



ter de verdade porque representa uma realidade que não é a realidade cotidiana. A narrativa ficcional nos traz a possibilidade, através dos personagens, de realizar desejos que permaneceram frustrados ou encontrar proteção para as mais íntimas fragilidades. Excitação, raiva, ternura, sofrimento, dor, compaixão, frustração, reden-

ção. Infinitas são as emoções que se apossam de nós numa leitura. A possibilidade de revivê-las, como se fosse a primeira vez, é o que mantém indestrutível a milenar atividade de contar e de ouvir histórias. As crianças sabem bem disso quando pedem que os pais repitam incansavelmente -“era uma vez...”

A ideia de propiciar um espaço de troca em torno da leitura seguindo o bom conselho do mestre, norteou a criação da atividade do Café Literário na SBPRJ. Os encontros abertos ao público externo acontecem mensalmente e se caracterizam pela informalidade. Ali não se espera discussão de conceitos psicanalíticos, não há uma agenda ou tema prévios. Os participantes podem trazer trechos de um romance, contos, poesia etc. Os mais tímidos aproveitam em silêncio, outros se aventuram e mostram sua produção. A conversa corre solta, bebe-se café na companhia de Clarices, Drumonds, Quintanas, Prousts e outros tantos visitantes ilustres. Nascido há seis anos do espírito inquieto de Celmy de Araripe Quilelli, o Café da Brasileira reafirma, a cada reunião, a potência da palavra literária de contemplar o mistério e construir sentidos possíveis.

## As forças primárias da vida

**Continuação da capa** - Mas quando se instala a impotência, o ciúme vira uma arma”, diz Marly.

O sentimento de ciúme está presente em crianças, adultos, velhos e até animais. Na peça *Otelo*, o personagem Iago sabia que de todos os sentimentos que afligem a alma, o ciúme é o mais intolerável. “Ele mobiliza forças primárias da vida psíquica, mergulha e finca raízes no inconsciente, gerando atitudes irracionais e até mesmo incontroláveis. É muito comum que a pessoa ciumenta *perca a cabeça*”, salienta Fernando. “É quando não há mais nada que a pessoa possa fazer nem no mundo externo, nem no

interno. Ela não consegue ficar livre dos seus pensamentos”, comenta Marly. E acrescenta: “o limite saudável do ciúme é aquele que você aguenta suportar”.

O ciúme seria uma patologia? Marly Dias cita dois exemplos para se pensar. No primeiro, um bebê de 20 meses brinca perto da avó, ficando enciumado do cachorro da casa que pula e ocupa o colo dela. No segundo, um casal feliz que se ama começa a se desentender quando o marido é tomado por um ciúme avassalador da esposa que precisa viajar a trabalho. Invade a privacidade dela, decepcionando-a e envergonhando-se. O casal perde a alegria e

fica sem boas perspectivas.

Fernando Rocha acrescenta que a “popularidade do ciúme tem uma razão: ele se origina nas relações precoces da infância humana. É por isso que toda relação amorosa contém na sua origem um sentimento de posse e pretende ser única e exclusiva. Quanto mais insegura for uma pessoa, mais facilmente irá sentir ciúmes”. E acrescenta: “O ciúme está referido ao instante fundamental da vida em que dependemos do amor materno para sobreviver. Quanto melhor elaborarmos ou simbolizarmos a perda dessa dependência infantil, mais autônomos conseguimos ser e menor

ciúme vamos sentir”. E, acrescenta: “As pulsões podem ser *amansadas* com a elaboração psíquica, mas não eliminadas”.

Marly Dias lembra que, durante o período de autoanálise, Freud revela a *Fliess* em 1897: “Descobri que amor pela mãe e o ciúme do pai está presente no meu caso também e agora acredito que isso seja um fenômeno geral da primeira infância, mesmo que não aconteça tão cedo quanto nos casos em que as crianças vieram a se tornar histéricas. O que Freud chamava de *Oedipus Rex* está e nunca deixou de estar no centro da teoria freudiana”.

ENTREVISTA MARIA AGLAÉ TEDESCO

# Ciúme e Violência Doméstica

Diariamente, a imprensa noticia casos de ciúmes e violência dentro de uma família (pais contra filhos, marido contra mulher ou vice-versa). Segue uma entrevista com Maria Aglaé Tedesco, juíza da 15ª Vara de Família do Rio de Janeiro.

**Em sua vivência e experiência dentro do judiciário e numa Vara de Família, que violências domésticas são mais comuns?**

**Maria Aglaé Tedesco** - Vemos muita agressão verbal que chega às vias de fato: um empurrão, um tapa no rosto, um objeto atirado. É muito comum um cônjuge tentar diminuir o outro contando situações íntimas na audiência.

**O que leva um marido a agredir ou matar sua esposa?**

Por vezes, o desamor leva à agressão. O ciúme também é um propulsor da agressão verbal e física. Em alguns casos, a falta de dinheiro para o sustento gera violência. No caso de crime contra a vida, observamos que este pode ser ocasionado por ciúme ou por orgulho ferido e raiva.

**O que leva uma esposa a agredir ou matar seu marido?**

Da mesma forma, o ciúme e o orgulho ferido. Quando uma mulher mais velha é trocada por outra mais nova, e isso acontece muito em processos que chegam ao Judiciário, pode haver uma reação agressiva por parte da ex-mulher. Porém, algumas mulheres aceitam o caso extra-conjugal por anos seguidos, sem dissolver a união, como se fosse um direito seu inafastável ser a “mulher titular”, por ser a mãe dos filhos e a relação oficial, mesmo quando o marido ou companheiro passa quase todo o tempo com outra mulher.



AGLAÉ: “É PRECISO OLHAR NOS OLHOS PARA MELHOR DECIDIR”

**E a agressão aos filhos? É por ignorância?**

A agressão tem, a meu ver, uma cultura equivocada de que bater educa, como quando ouvimos de alguém que apanhou na infância e isso não lhe fez mal. Agredir uma criança é uma forma de covardia em razão da diferença de tamanho, força e pela representação para o filho de que o agressor, pai ou mãe, é intocável e inquestionável. Por vezes, o adulto descarrega na surra do filho a raiva de sua vida, das coisas que não estão dando certo e um temor de que se não for enérgico, o filho não crescerá educado. Já vi mãe que queimou a mão ou boca do filho dizendo que queria educá-lo para não se tornar um marginal.

**Como a justiça enfrenta esse problema? Aconselhamento? Punição?**

O que mais me debato no direito de família é o fato da punição. Criam novas leis, ditas avançadas, mas o espírito punitivo permanece. Educar os pais a educar seus

filhos pode ser um caminho melhor. Não se reverte um quadro de violência apenas com punição. É importante dar um tratamento ao agressor. Claro que, conforme o caso, caberá até prisão. Mas também deverá haver tratamento. O Estatuto da criança e do adolescente prevê expressamente a determinação do acompanhamento através de tratamento psicológico que, mesmo por ordem judicial, auxilia muito às famílias que acabam se engajando ao mesmo.

**Já houve casos de violência por causa do uso da internet para flertar ou marcar encontros?**

Sim. A internet é mais um facilitador para que as pessoas busquem o que acham importante encontrar. O companheiro (a) que procurava nas bolsas e carteiras os indícios de traição agora procura no computador. Isso pode gerar respostas violentas, inclusive com ofensa escrita, o que vemos constantemente em e-mails.

**A legislação brasileira está atualizada para enfrentar esses problemas do mundo de hoje?**

As leis estarão sempre defasadas pela dinâmica da sociedade, por isso cabe ao juiz de família compreender o mundo que o cerca para aplicar a lei com o propósito principal de pacificar os conflitos. Para isso a melhor indicação é ouvir. Nos 18 anos de atuação como juíza de família pude perceber que ouvir olhando nos olhos das pessoas faz toda a diferença. Decidir a vida de uma família, por imposição judicial, pode ser muito desconfortável, porém quando ouvimos o que as partes têm a dizer podemos construir juntos um acordo para que a família dissolvida possa ter um caminho harmônico. Quando não há acordo, a sentença é construída com base no que foi falado pelas partes em seus próprios argumentos.

— Consulte o conteúdo completo do jornal '50 Minutos' no site [www.sbpjr.org.br/noticias](http://www.sbpjr.org.br/noticias)

## Livros em foco

### É o fim das dietas?



Se depender de Geneen Roth, autora de **Mulheres, Comida e Deus**, além de vários outros livros e workshops sobre distúrbios alimentares, seria o fim não só da ditadura das dietas quanto dos aspectos mais tirânicos da personalidade que impedem cada mulher com algum transtorno alimentar de comer quando está com fome e parar quando satisfeita.

Segundo Geneen, a impossibilidade

de desacelerar e perceber as necessidades que estão direcionadas à comida mantém estas pessoas numa espécie de limbo emocional onde o sabor da comida é toda a sua percepção celestial e o tamanho dos quadris todo seu conhecimento de inferno. A mulher pode se privar de sentir a própria tristeza anestesiando-se com o alimento e então, privar-se da confiança e do bem estar advindos da descoberta de não ser destruída pela dor desta mesma tristeza.

Ao longo deste livro bem escrito e repleto de passagens e exemplos bem humorados, Geneen fala da necessidade de se perceber que se está sendo comandado por um passado remoto assustador e da importância

de lembrar que não somos mais aquelas crianças. Frisa a necessidade de cada um reencontrar seu próprio encanto. O encontro com Deus é outra expressão para o encontro consigo mesmo, onde a curiosidade e a ausência de julgamento podem acarretar um alinhamento com a beleza, o prazer e o amor: a própria benevolência divina em ação.

É auto-ajuda? Talvez, mas se for, contém bastante insight para alinhá-lo numa linguagem acessível a muitos conceitos da psicanálise. Para quem luta com dietas, o peso e a auto-imagem, vale a pena conferir.

**Mônica Aguiar**, psicanalista da SBPRJ